


## Educação Ambiental e professores de Geografia: entrevistas narrativas sobre práticas didáticas

Environmental Education and Geography teachers: narrative interviews on teaching practices

Profesores de Educación Ambiental y Geografía: entrevistas narrativas sobre prácticas docentes

**Eduardo Fausto Kuster Cid** - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo | Coordenadoria de Estradas | Vitória | ES | Brasil. E-mail: [eduardofaustocid@gmail.com](mailto:eduardofaustocid@gmail.com) | 

**Resumo:** Este artigo é fruto de um estudo realizado em 2018, com o objetivo de evidenciar práticas pedagógicas e abordagens voltadas para a temática ambiental de professores dos cursos de licenciatura em Geografia. Como recurso metodológico na busca pela trajetória desses docentes o método escolhido foi a entrevista narrativa, por se mostrar um recurso da pesquisa qualitativa que permite combinar histórias de vida, motivações e compreender as ações desses docentes em sala de aula. Para sua realização foram entrevistados 35 professores lotados em diferentes instituições (ensino fundamental, médio e superior), oriundos das cinco regiões brasileiras. Os resultados da pesquisa buscam traçar, pela lente desses professores, um breve panorama do ensino da Educação Ambiental (EA) nos cursos de Geografia e contribuir para reflexão sobre novas práticas e processos de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Ensino de geografia. Educação ambiental. Pesquisa narrativa.

**Abstract:** This article is the result of a study made in 2018 with the goal of discovering teaching methods which involves environmental issues in the Licenciature (permission to teach) in Geography. The chosen method to seek the professional background of these teachers was the narrative interview research, since it qualifies and allows combinations of life stories, motivations and understanding the actions of these teachers in the classroom. In order to accomplish it, 35 teachers from five macro Brazilian regions were interviewed from different institutions in different educational levels (Fundamental, High School and Higher Education). The results try to focus through the eyes of the aforementioned teachers, an overview of teaching Environmental Education in the Geography courses, as well as its practices, its teaching and learning process.

**Keywords:** Geography teaching. Environmental education. Narrative research.

Resumen: Este artigo é resultado de um estudo realizado em 2018, com o objetivo de demonstrar práticas e abordagens pedagógicas voltadas para a questão ambiental por professores de dois cursos de graduação em Geografia. Como recurso metodológico, busca-se despir os trajes dos professores ou o método escolhido foi a entrevista narrativa, pois se mostra um recurso de pesquisa qualitativa que permite conjugar histórias de vida, motivações e compreensão das ações dos professores em sala de aula. Para sua realização, foram entrevistados 35 professores de diferentes instituições (ensino fundamental, médio e superior), de cinco regiões brasileiras. Os resultados da pesquisa buscam traçar, descascar as lentes dos professores, um breve panorama do ensino da Educação Ambiental (EA), dos nossos cursos de Geografia e contribuir para a reflexão sobre novas práticas e processos de ensino e aprendizagem. Palabras-clave: Enseñanza de geografía. Educación ambiental. Investigación narrativa.

Palabras clave: Enseñanza de la geografía. Educación ambiental. Investigación narrativa.

## **Introdução**

Para além das mudanças na política educacional no país, é de extrema importância discutir os rumos e qual o papel do ensino de Geografia no início deste século, motivado pelas transformações do mundo contemporâneo com seus novos desafios, novas tecnologias e na relação ser humano e natureza. O homem não é mais entendido como algo externo e “a Geografia vai transformando sua compreensão e passa a pensar o ambiente como homem/sociedade e seu entorno [...]” (SUERTEGARAY, 2002, p. 116).

Entre esses desafios, repensar o processo de ensino-aprendizagem nos cursos de Licenciatura em Geografia é uma preocupação cotidiana de seus professores, uma vez que os processos educacionais adotados devem servir às práticas metodológicas e contribuir na inovação dessa prática.

Como professor e geógrafo, tendo trabalhado como consultor em projetos ambientais, tenho profundo interesse pela relação entre o ser humano e o meio ambiente, preocupação que acredito deveria fazer parte da Ciência Geográfica em todos os seus subcampos. Com este intento, voltei minha atenção ao ensino e práticas didáticas em Educação Ambiental (EA) aliada à Geografia entendendo que, para além da minha experiência pessoal, seria necessário ouvir outros professores, como foram se interessando e tratavam a temática em sala de aula com seus alunos, nas escolas de ensino médio ou instituições de nível superior, abordando, como bem sugere Leff (2009, p. 252), “uma educação capaz de gerar uma consciência e capacidades próprias para que possam apropriar-se de seu ambiente como uma fonte de riqueza econômica, de novos sentidos de civilização e de harmonia com a natureza”.

Mas, de que maneira dar forma e significado às vidas desses professores e aproximar o leitor de todas essas trajetórias? Essas indagações me sinalizaram que a escolha do percurso metodológico não faria sentido se não estivesse em total consonância com meus princípios, traçando um paralelo com a minha realidade e trabalhando na dimensão ética para a produção de conhecimentos de forma colaborativa, partilhando, como destaca Moraes (2000, p. 81), histórias de vida que permitem a quem conta a sua história, “refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo, entendendo as etapas e os detalhes desse caminho percorrido e reaprendendo com ele”.

Declarar-se parte de um campo-tema é demonstrar a convicção ética e política de que [...] podemos contribuir e que estamos dispostos a discutir a relevância de nossa contribuição com qualquer um, horizontalmente e não verticalmente. Horizontalmente, porque não há nenhuma grande verdade mantendo quentes as nossas costas; nenhum instrumento de inquisição que podemos mostrar para garantir obediência às nossas ideias. Só podemos arguir e discutir, tal como os demais (SPINK, 2008, p. 76).

Assim, da perspectiva das escolhas e experiências como docente/pesquisador e da interação e diálogo entre o entrevistador e os participantes, procurei falar um pouco sobre o lugar da EA no ensino de Geografia e dos caminhos da licenciatura, trazendo um pouco das memórias, conquistas e inquietações dos meus colegas professores.

Gostaria de ressaltar ainda, que esta pesquisa acontece em um momento político social de embates, conflitos e posições polarizadas entre dois grupos, dentre os quais emerge um discurso que desqualifica a profissão docente, as universidades, reduz investimentos em educação e propõe reformas no ensino médio e, neste cenário, importa qualificar o papel político e pedagógico da educação e de seus agentes, que aprendem ao dialogar com sua própria história.

### **Objetivos e aspectos metodológicos da pesquisa**

Para atender ao objetivo de evidenciar práticas pedagógicas e abordagens aliadas à temática ambiental, ontem e hoje, a opção como recurso metodológico se deu pela entrevista narrativa, uma escolha que se mostrou mais produtiva e interessante como forma de buscar as memórias dos docentes de licenciatura em Geografia.

O método qualitativo de pesquisa caracteriza-se por abordar questões relacionadas às singularidades do campo e dos indivíduos pesquisados, sendo as entrevistas narrativas um método potente para uso dos investigadores que dele se apropriam (MUYLAERT *et al.*, 2014).

Para despertar lembranças e direcionar as entrevistas, foi necessário lançar mão de um roteiro semiestruturado. Nele foram incluídas perguntas sobre razões para escolha da formação, surgimento das questões ambientais no curso, práticas docentes (estratégias metodológicas observadas durante a formação e praticadas atualmente). Dessa forma, foi possível direcionar as entrevistas ao objetivo proposto, o que teve um papel decisivo e gerou significado ao produto final.

Os docentes entrevistados tiveram sua formação entre as décadas de 80 e 90, os mais recentes no início deste século, e a maioria cursou universidades públicas. Apesar de ser um

período historicamente pequeno, as mudanças na sociedade e na educação são extremamente significativas, No decorrer das narrativas pode-se notar que a trajetória desses profissionais vai se descortinando, assim como diferenças na própria formação e abordagens educacionais por intermédio das falas e experiências que revelam como aconteceu e acontece o processo de “construção” desse sujeito-professor.

Como procedimento preliminar, após o consentimento em participar da pesquisa e divulgação das entrevistas, a todos os professores foi garantido o anonimato, procedimento ético fundamental para estabelecer um clima de confiança e permitir maior liberdade de fala aos entrevistados. Optou-se, com a devida anuência dos participantes, pela publicação de alguns dados das instituições de ensino (como disciplinas, por exemplo), objetivando um melhor entendimento de aspectos relativos à formação dos entrevistados e de componentes curriculares do curso de licenciatura em Geografia.

As entrevistas aconteceram pessoalmente e por e-mail. O roteiro semiestruturado serviu para orientar, instigar e agilizar o processo de “contar histórias” e despertar lembranças. Participaram da pesquisa 35 docentes (graduados, pós-graduados, mestres e doutores) que atuam no ensino fundamental, médio, técnico e superior em instituições como: universidades públicas, faculdades privadas, institutos federais, colégios militares, rede pública de ensino fundamental e médio e na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA). O estudo também foi amparado pela questão problematizadora do meu projeto de pesquisa: “Cartografia das questões ambientais em educação na formação de professores em Geografia”.

Para efeito de análise, ao final das entrevistas, as respostas foram divididas nos seguintes eixos temáticos: 1- Formação e Identidade Profissional; 2 - Experiências Educacionais em Educação Ambiental e 3 - Práticas metodológicas cotidianas e práticas inovadoras.

### **A entrevista narrativa como método de pesquisa**

A escolha pelo método fundamenta-se nos autores Clandinin e Connelly (1991, p. 185):

Os estudos de vida e as narrativas dos professores possibilitam aceder a uma informação de primeira ordem para conhecer de modo mais profundo o processo educativo, um meio para que os professores reflitam sobre sua vida profissional e compreendam, em seus próprios termos ou vozes como eles mesmos vivem seu trabalho e tomam esta compreensão para mudar o que não gostam no seu trabalho e na sua atuação profissional.

Outra autora pesquisada, professora Nilda Alves (2000), esclarece que é por meio da fala ou escrita dos sujeitos envolvidos, que contam suas histórias, que é possível dialogar e compreender a complexidade do cotidiano no qual estão envolvidos os sujeitos com seus desafios e táticas. Ela explica que há nas entrevistas narrativas uma forma de colaboração, uma história que emerge a partir da interação e do diálogo entre entrevistador e participantes.

Procurou-se entender o significado da EA dentro das narrativas dos sujeitos participantes e refletir sobre o fenômeno neste ambiente de colaboração. Este envolvimento entre pesquisador e participante para Clandinin e Connelly (1991) é uma forma de compreender a experiência, sendo a experiência educacional o fundamental a ser captado nas pesquisas.

E é desse lugar de escolhas e da experiência como docente/pesquisador que procurei falar um pouco sobre os caminhos no ensino da Educação Ambiental na licenciatura em Geografia, trazendo um pouco das inquietações dos meus colegas professores.

### **A formação dos professores e a Educação Ambiental**

Para melhor entender o contexto da formação do professor de Geografia, é oportuno citar Mendonça (2013) ao explicar que a Ciência Geográfica existe como produto de uma divisão disciplinar e histórica, dividida em Geografia física e humana nos currículos escolares e livros didáticos. Como opção epistemológica tais visões refletem uma realidade geográfica fragmentada que não contempla outras orientações pedagógicas além das tradicionais, que estão presentes na formação dos professores entrevistados. Porém, a crescente discussão em torno da questão ambiental demanda uma nova articulação da Geografia à EA, trazendo um debate mais integrador à questão.

Para entender como aconteceu e acontece este processo de formação dos docentes participantes, recorreu-se aos relatos que dão sentido ao modo pelos quais esses educadores construíram suas identidades e sua relação com o ensino e a aprendizagem da Educação Ambiental, no “balanço de vida (perspectiva retrospectiva)” descrito por Nóvoa (1988, p. 115), que encara a formação não apenas na perspectiva futura.

Ao editar as entrevistas, na análise dos temas “Formação e Identidade Profissional” e “Experiências educacionais em EA”, fica claro que, ao cursarem Geografia, a tradicional divisão disciplinar esteve presente. As abordagens das questões ambientais são, invariavelmente, relatadas como superficiais:

*As questões ambientais no curso foram abordadas especificamente em disciplinas que tinham como objeto à temática. A dualidade Geografia Humana – Geografia Física se fez presente, creio que este é um “problema” ainda não superado por nós geógrafos, dessa forma, as questões ambientais quando não trabalhadas nas disciplinas específicas eram abordadas de forma pontual principalmente nas disciplinas da área física mais do que na humana. Professor 1*

*Durante minha graduação a prática de ensino foi bem fraca por conta de um currículo velho e ultrapassado, a Geografia urbana era o ponto mais forte do nosso departamento, as questões ambientais apareceram num momento tardio da minha formação. Professor 2*

*Tento me policiar ao abordar questões ambientais de forma integrada ao conteúdo que estiver trabalhando, quando este não se configura de uma questão já ambiental, por exemplo, no tema “problemas ambientais”. Não tem sido uma tarefa fácil, particularmente por minha formação ser mais voltada para a vertente humana da Geografia e a herança quanto à abordagem recebida durante a minha formação acadêmica. Professor 3*

*Entre na graduação em 2003, num ambiente em que havia a crença de que muita coisa estava para mudar, inclusive a própria universidade. [...] Sobre as questões ambientais, dentro do currículo obrigatório havia poucas disciplinas da chamada “Geografia física”. Professor 4*

Em que pese a pouca discussão das questões ambientais descritas e a formação vinculada a práticas metodológicas tradicionais, a aproximação e o interesse dos docentes pela EA aliada à Geografia pode ser explicada por Reigota (2009), ao afirmar como educador, a importância e a grande possibilidade da Ciência Geográfica em contribuir para a problemática ambiental, entendida pelos docentes.

*Sempre vi potencial no curso para explorar a questão ambiental, o que não ocorreu na minha graduação. As questões ambientais no meu curso de graduação foram pouco abordadas. Professor 5*

Reigota (2009) ainda destaca que, na educação ambiental, o desafio apresentado é não se ater apenas à transmissão de conteúdos específicos, por não existir um conteúdo único, mas vários. O maior seria ensinar, favorecer e estimular possibilidades de se estabelecer coletivamente uma “nova aliança (entre seres humanos e natureza e entre nós mesmos) que possibilite a todas as espécies biológicas (inclusive a humana) a sua convivência e sobrevivência com dignidade” (REIGOTA, 2009, p. 14).

Em outro aspecto importante, ao tratar especificamente da formação do profissional graduado em Geografia, Onfray (2001) ressalta a importância de que este professor considere os múltiplos olhares, redes de saberes e trocas que permitam às singularidades a constante transformação e que sugiram novas possibilidades de existência.

No âmbito da licenciatura em Geografia, especificamente, Andrade (1987) destaca que está por se criar uma maior reflexão sobre a interdisciplinaridade em seu interior, propondo experiências que possibilitem um diálogo criador entre seus diversos ramos de especialização, na

superação da dicotomia entre Geografia física e humana. Um caminhar nessa direção traria contribuições enriquecedoras ao processo de ensino e aprendizagem e inovações necessárias às práticas e estratégias didáticas dos seus professores.

A complexidade da atividade docente encontra consonância na complexidade da área ambiental, especificamente no campo da Educação Ambiental. Nesse contexto, as experiências profissionais do professor, ao longo da sua atividade docente, capacitam-no a aproximar-se da questão ambiental e a envolver-se com ela de maneira mais completa e eficiente (MENDES; VAZ, 2009).

Mas, para que todo esse processo gere significado, segundo Fazenda (2003), deve-se consolidar a interdisciplinaridade na ousadia da busca e, para isso, a aquisição conceitual interdisciplinar deveria abandonar posições acadêmicas “prepotentes, unidirecionais e não rigorosas que fatalmente são restritivas, [...] impeditivas de aberturas novas, camisas de força que acabam por restringir alguns olhares, tachando-os de menores” (p. 13).

Também Enrique Leff (2009), sociólogo e ambientalista mexicano, mostra a necessidade de na aquisição do saber ambiental, da integração de pesquisas transdisciplinares e transposição de conceitos entre diferentes campos deste conhecimento ainda em construção. Todos estes autores investigam e corroboram a necessidade de se pesquisar metodologias que integrem e articulem a EA.

A importância do caráter interdisciplinar e transversal no ensino da EA, enfatizado por Leff, Andrade e Onfray, é ressaltada pelos professores:

*Como professor no ensino fundamental, acompanhei alunos e o professor de Biologia em visitas aos parques da cidade de Vitória, passeios de Escuna e na rota do manguezal, atividades previstas no Projeto Pedagógico da Instituição, [...] Também lecionei no “Projeto Catavento para Educação de Jovens e Adultos”. O destaque era a “Semana do Meio Ambiente” com visitas a áreas públicas para que os alunos observassem “in loco” coletas de lixo em praias, parques, incluindo abordagens sobre prevenção de incêndios e áreas de deslizamento, com foco na sustentabilidade. Professor 6*

*Em minhas aulas sempre dei ênfase ao caráter híbrido e TRANS-formador da Geografia, visto que ela pode se integrar às outras áreas do conhecimento – Ecologia, Economia, História, Sociologia, Filosofia, Física, Química, Literatura, Biologia, entre outras – sem perder sua identidade, sua autonomia ou suas especificidades. Perdê-la, é fazer com que as pessoas percam não somente uma série de conhecimentos inestimáveis à formação humana, mas é perder também a possibilidade das pessoas se entenderem como seres no e do mundo, transformadas e transformadoras nele e dele. Professor 7*

E como estamos falando dos múltiplos olhares desse sujeito, enquanto professor licenciado em Geografia, gostaria de mencionar Barchi (2009, p. 76, 77), quando afirma que no contexto de uma “educação ambiental rizomática e libertária interessa as conexões entre os



diversos saberes, identificar as inúmeras representações sociais, criar diálogos entre elas, resistindo a concepções totalizantes”.

*Hoje dou aula no curso de Meio Ambiente na Instituição X, e quando cheguei nesse curso eu fiquei chocado com o silêncio dos alunos para as questões voltadas ao meio ambiente. Hoje nós discutimos ecologia, os benefícios que o homem causa para a natureza e também os malefícios. Estudamos as próprias reações da natureza para com o ecossistema. Professor 8*

*Durante toda minha formação o viés ambiental esteve presente. Não há como dissociar a questão ambiental das discussões e abordagens da Geografia e essa descoberta direcionou minha atuação em Educação Ambiental. Fiz trabalhos de Educação Ambiental em empresas, formação de professores, alunos e trabalhadores. Ingressei na Instituição X, Núcleo de Educação Ambiental (NEA) onde escolhi o conteúdo de Geografia, trabalhando as questões ambientais nas turmas de ensino médio integrado aos Cursos de Pesca e Aquicultura e também nas disciplinas da graduação em Engenharia de Pesca, mas, apenas de forma transversal, com discussões em sala de aula. Professor 9*

*Durante as aulas, na graduação, eu e meus colegas sentíamos diariamente na pele os efeitos da fuligem dos fornos da Companhia Siderúrgica Nacional, próxima da Faculdade e nos questionávamos e criticávamos o porquê de não existirem, na matriz curricular do curso, matérias sobre poluição e outros assuntos relacionados ao meio ambiente. Professor 10*

## **Repensar e inovar práticas didáticas**

*Acredito que aprendi a dar aula dando aula, testando, entendendo como eu aprendo e estudando a parte como funciona aprendizagem, e observando principalmente nas aulas do mestrado como se ensina. Professor 11*

Ao analisar as entrevistas no eixo sobre práticas didáticas cotidianas e práticas metodológicas inovadoras em EA, os docentes entrevistados corroboram o que diz a professora Vera Candau (2011, p.18): “a didática tem por objetivo o ‘como fazer’, a prática pedagógica, mas este só tem sentido quando articulado ao ‘para que fazer’ e ao ‘por que fazer’”.

*Minha aproximação com as questões ambientais aconteceu nas aulas de campo de Geomorfologia. O interesse ressurgiu com vigor após lecionar, durante um ano, para turmas de Edificações na Instituição X - a parte introdutória do conteúdo, que inclui clima, vegetação, de forma conjunta, a questão global, do lixo, áreas de risco. Professor 12*

*Lembro-me apenas que a questão ambiental era abordada na graduação de forma indireta e superficial, aspectos naturais do meio ambiente, comunidades quilombola e outros povos. Professor 13*

*No meu curso, as disciplinas voltadas para questões ambientais foram ministradas por professores ligados às escolas de pensamento tradicionais. Desse modo, as questões ambientais apareciam estanques e ensimesmadas, fato que impossibilitou, naquele momento, uma compreensão mais aprofundada da complexidade das relações socioambientais e suas formas de expressão espacial. Professor 14*

*Minha graduação aconteceu entre 1997 e 2000, e, durante o curso, as disciplinas voltadas para as questões ambientais eram oferecidas mais como disciplinas eletivas. Na grade obrigatória havia alguma conexão a partir do referencial teórico dos temas em Geografia Física (Climatologia, Geomorfologia, Biogeografia e*

*etc.), mas, abordadas a partir de exemplos ilustrativos e não como foco de estudo ou problematização.*  
Professor 15

Mas, como inovar? Para Reigota (2008), no ensino da EA é importante estimular a reflexão e a expressão das características de cada um e do processo de formação, por considerar que a relação com o mundo e com o outro são princípios fundantes da construção coletiva da identidade pessoal e pública do educador ambiental.

*Como a maioria das aulas na Universidade tinha um viés para o Bacharelado, as questões ambientais foram mega bem tratadas, trabalhadas, discutidas, gerando uma compreensão dos fenômenos naturais e a intervenção antrópica, entretanto não nos foi ensinado na prática como abordar esse conhecimento adquirido em sala de aula para o ensino fundamental, ou para o ensino médio, que tem linguagens distintas. Acaba que após internalizarmos os conceitos e os processos pensamos sozinhos (ou com colegas) na prática docente.* Professor 16

*A abordagem das questões ambientais dentro de minha prática pedagógica busca uma visão integradora da relação sociedade/natureza, pondo em relevo as contradições do modo de produção vigente e demonstrando suas imbricações com o processo de apropriação da natureza; destacando, ainda, os dilemas ambientais colocados na contemporaneidade.* Professor 17

*Procuro relacionar as questões ambientais a diferentes conteúdos e séries. Ao discutir, por exemplo, a industrialização e agricultura brasileira, as questões ligadas ao urbano, globalização, aos acordos internacionais, dentre outros.* Professor 18

Em relação aos novos e diferentes papéis atribuídos hoje ao professor, que convive de um lado com a desvalorização da figura docente e, de outro, a inserção da tecnologia, o aumento das suas tarefas e as implicações da pós-modernidade, transformando a sociedade e a vida em sala de aula, Borges *et al.* (2018) faz uma alerta: o tempo da educação difere do tempo do clique. A possibilidade de transformar algo em significativo, verdadeiramente assimilado, requer tempo e só encontra sentido naquilo que parece relevante para as nossas realidades. E isso se dá com o tempo, com o desenvolver da capacidade de abstração.

E, neste ponto, recorreremos novamente a Barchi (2009) ao propor uma educação ambiental que valorize a singularidade de cada indivíduo, aberta para a multiplicidade, a disponibilidade para o diálogo e a construção do conhecimento a partir da troca e da comunicação entre os mais diversos saberes, da noção libertária de dialogicidade.

Mas, como adaptar e inovar o processo de ensino-aprendizagem em EA? Para Sturmer *et al.* (2018) na educação, tais conhecimentos precisam ser transformados em algo consistente, relevante, significativo ao aprendiz e que faça, neste sentido, da educação um espaço (ainda que virtual) do possível, da integração, da sustentabilidade (em vários níveis: social, ecológica, etc.).

No âmbito da licenciatura em Geografia, especificamente, é oportuno citar Andrade (1987) ao destacar que está por se criar uma maior reflexão sobre a interdisciplinaridade em seu interior, propondo experiências que possibilitem um diálogo criador entre seus diversos ramos de especialização, na superação da dicotomia entre Geografia física e humana. Um caminhar nessa direção traria contribuições enriquecedoras ao processo de ensino e aprendizagem e inovações necessárias às práticas e estratégias didáticas dos seus professores.

E, aqui, destaco como os professores entrevistados têm inovado em suas práticas:

*Hoje, nas aulas, utilizo como prática metodológica a discussão de questões sobre o meio ambiente e, quando o assunto permite, registros realizados pelos próprios estudantes nas áreas em que vivem e no trajeto de deslocamento até a Instituição X. A partir desses levantamentos com uso de fotografias e vídeos, associar observações a leituras específicas e análise de áreas registradas.* Professor 19

*Trato o tema a partir de discussões históricas sobre impactos no meio ambiente, associados a vídeos, textos e debates sobre o assunto. O que facilita minha prática é o diferencial do campus, com “vocação” ambiental que faz com que, além da Geografia, diversas matérias técnicas ensinem o tema, concomitante a projetos e eventos que marcam o meio ambiente e suas questões.* Professor 20

*Na escola em que atuo como professor de Geografia há uma forte resistência em discutir as questões ambientais, principalmente ao que se refere aos direitos humanos dos alunos que frequentam a escola. Nesse sentido, busco de forma ética, política e dialógica, resistir, incorporando nas minhas práticas pedagógicas debates sobre as problemáticas ecológicas globais e as que permeiam as comunidades adjacentes como: questões étnico-racial, homofobia, racismo, contexto político e econômico atual do Brasil, diversidade, diferença, multiculturalismo, violência, criminalidade, desmatamento, transgênicos, agrotóxicos, poluição dentre outras.* Professor 21

*Nas aulas que ministrei no PIBID<sup>1</sup> e no estágio eu tentei sempre trazer as questões ambientais, por exemplo: quando ministrei aula sobre a modernização do campo brasileiro, tentei trazer alguns problemas ambientais desse processo, como também a legislação ambiental, de forma mais sucinta para que os mesmos compreendessem melhor. Assim eles poderiam ter um olhar crítico sobre o assunto e também compreender que nem sempre as leis evitam termos problemas ambientais. Em uma outra turma programei um campo para um dos rios urbanos de João Pessoa, e faríamos várias paradas para que vissem várias formas da ação do homem (antrópicas) no rio. Eles deveriam fotografar os problemas ambientais que viam no percurso e escolher uma foto e explicar a mesma relacionada ao processo de urbanização brasileira. Então, por minha graduação ter sido mais direcionada para área humana sempre tentei relacionar as questões ambientais com as questões sociais.* Professor 22

*Ao lecionar para os cursos Floresta e Meio Ambiente, as questões ambientais são temas centrais da minha agenda na discussão da disciplina de Geografia, abordadas a partir de uma perspectiva que não trata de forma desassociada o social e o ambiental.* Professor 23

*Conheci o Prof. Dr. Marcos Reigota em 2006, quando iniciei disciplinas como aluno especial do curso de Pós-Graduação na Universidade X. Logo nos primeiros encontros, pude perceber que era naquele espaço e com aquele professor que eu gostaria de dialogar. A forma como ele se colocava e os assuntos que abordava nas aulas – que naquele momento eram seminários de pesquisa dos seus orientandos –, sentia-me em um lugar meu. Os temas faziam eco e sentido ao cotidiano que vivia na escola, como professor de Geografia, mas transversalizando os temas, conforme chegavam na sala de aula. Ou seja, as abordagens voltadas às questões ambientais iam sempre numa vertente política e pedagógica de posicionamento*

<sup>1</sup> Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência do Ministério da Educação (MEC).

*enquanto sujeito desse espaço, corresponsável pela sua construção diária e crítico aos projetos que quase sempre eram desenvolvidos na escola sobre preservação e reciclagem. Professor 24*

*Hoje eu participo no meu campus da pós-graduação em educação ambiental, lecionando a disciplina de Panorama da Educação Ambiental no Brasil. Também leciono “Educação e Questão ambiental” no curso de Licenciatura em Química. São dois espaços importantes onde viso contribuir justamente pautando o debate sobre o meio ambiente numa perspectiva política, mas sem abandonar os necessários aspectos técnicos. Professor 25*

*Eu gosto de abordar compreendendo a realidade o mais próximo do estudante possível, indo do local para o global, mostrando as ações e efeitos em cadeia, como tudo sendo um grande sistema. Fizemos um plantio de árvores, levamos os alunos para o Parque Nacional de Brasília, associamos a questão do descarte do lixo na comunidade, trabalhamos com fotografias autorais dos alunos para fomentar os debates sobre a problemática ambiental, promovemos a reflexão de soluções possíveis para os problemas identificados por eles. Nesse exato momento os alunos estão fazendo um documentário ambiental que envolve seis disciplinas. Professor 26*

*As questões ambientais devem ser abordadas sempre, trabalho muito isso com meus alunos, levo eles em trabalho de campo, mostrando os impactos causados pela ação do homem, nos bairros, nas margens dos rios e igarapés da cidade, é sugerido trabalhos de pesquisas, projetos de pesquisas sobre o ambiente, seminários em grupo, e aulas abordando a temática. Professor 27*

## **Considerações finais**

O protagonista desse artigo é o sujeito-professor que, ao narrar acontecimentos e ações da sua vida, dá voz aos seus sonhos, alegrias e frustrações. A importância de contar essas histórias como possibilidade de produção do conhecimento, como nesse caso docentes e seu trabalho, acaba produzindo outro tipo de conhecimento, mais próximo da realidade, do cotidiano desses profissionais e oferece reflexões mais amplas em torno da sua formação, experiências e práticas metodológicas.

As respostas das entrevistas narrativas aqui contidas sobre profissão e seu cotidiano evidenciaram e tentaram conectar recordações e impressões à necessidade de se discutir o ensino da Educação Ambiental dentro da licenciatura em Geografia, nessa costura de fragmentos sobre metodologias e abordagens didáticas.

Em relação às temáticas compiladas, as análises sinalizaram que, apesar dos relatos de aprendizado acadêmico vinculado aos processos de ensino tradicionais, existe a preocupação dos professores pela mudança no seu fazer docente, na maioria das respostas ao tema Formação e Identidade Profissional. No eixo 2, experiências educacionais em EA, a análise mostrou que a diversidade de conteúdo e experiências acadêmicas nos cursos parece ser a responsável por despertar a vocação ambiental em maior ou menor grau e potencializar docentes mais criativos em sala de aula. Sobre as práticas metodológicas cotidianas e inovadoras (item 3), uma parte

significativa dos respondentes já tem incorporado, sempre que possível, novas abordagens didáticas. Há um claro interesse na utilização de estratégias que potencializem a criação de novos espaços de aprendizagem no curso e na discussão pedagógica das questões ambientais, embora alguns não se sintam preparados ou incentivados para tal tarefa.

Finalmente, gostaria de concluir reafirmando meu papel como pesquisador e colega docente que foi o de narrar essas percepções e compartilhá-las. Espero ter contribuído para, juntos, repensarmos o ensino da Educação Ambiental dentro deste debate que passa, necessariamente, pelo professor de Geografia.

## Referências

- ALVES, Nilda. A narrativa como método na história do cotidiano escolar. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 1., 2000, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2000. p. 1-10.
- ANDRADE, M. C. **Geografia ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.
- BARCHI, R. Uma educação ambiental libertária. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambiental**, Rio Grande, v. 22, p. 69-85, jan./jul., 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2819/1582>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- BORGES, F. *et al.* O que esperar da escola e do professor. *In: ANTUNES, A.; ABREU, J.; PADILHA, P. R. EAD Freiriana*: artigos e projetos de intervenção produzidos durante o curso A escola dos meus sonhos. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018. p. 13- 26. Disponível em: [https://www.paulofreire.org/download/eadfreiriana/E-book\\_A\\_Escola\\_dos\\_meus\\_Sonhos.pdf](https://www.paulofreire.org/download/eadfreiriana/E-book_A_Escola_dos_meus_Sonhos.pdf). Acesso em: 12 mar. 2019.
- CANDAU, V. M. **Rumo a uma nova didática**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Narrative and story in practice and research. *In: SCHÖN, D. A. (ed.). The reflective turn*: case studies in and on educacional practice. New York: Teachers College, 1991. p. 258-281.
- FAZENDA, I. (org.). **Didática e interdisciplinaridade**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2003,
- LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MENDES, R.; VAZ, A. Educação Ambiental no ensino formal: narrativas de professores sobre suas experiências e perspectivas. **Educ. rev.** Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p.395-411, dez. 2009. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982009000300019&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982009000300019&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 20 abr. 2019.
- MENDONÇA, F. **Geografia física**: ciência humana. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- MORAES, A. A. A. **Historias de leitura em narrativas de professoras**: alternativa de formação. Manaus: Univ. do Amazonas, 2000.

MUYLAERT, Camila Junqueira *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, n. 48, p. 193-199, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt\\_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf). Acesso em: 9 maio 2019.

NÓVOA, António. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus. *In:* NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. dos Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 107-129.

ONFRAY, M. **A política do rebelde**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

REIGOTA, M. A. S. Cidadania e educação ambiental. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, edição especial, p. 61-69, 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822008000400009&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000400009&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 9 maio 2019.

REIGOTA, M. A. S. **O que é educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SPINK, P. K. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, edição especial, p. 70-77, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326473010>. Acesso em: 12 abr. 2019.

STURMER, A. B. *et al.* Pensando a escola hoje: a era líquida, digital, o Brasil e a educação de relevância. *In:* ANTUNES, A.; ABREU, J.; PADILHA, P. R. **EaD Freiriana: artigos e projetos produzidos durante o curso a escola dos meus sonhos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018. p. 27-42. Disponível em: [https://www.paulofreire.org/download/eadfreiriana/E-book\\_A\\_Escola\\_dos\\_meus\\_Sonhos.pdf](https://www.paulofreire.org/download/eadfreiriana/E-book_A_Escola_dos_meus_Sonhos.pdf). Acesso em: 10 maio 2019.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia física (?), geografia ambiental (?) ou geografia e ambiente (?). *In:* MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (org.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Paraná: UFPR, 2002. p. 111-120.